

Absorvido em minhas ocupações diárias, quer no magis-  
tério, quer na administração pública, acontece que, convi-  
dado, não raro me recuse à responsabilidade de palestras,  
como esta, não por espírito de falsa modéstia, mas sòmen-  
te por absoluta escassez de tempo.

Ao apêlo de Mons. Uchoa não ha, entretanto, quem resis-  
tir possa, e acedí, mesmo porque não havia outro expedien-  
te, e ainda porque as minhas freqüentes negativas podêam  
dar aão a que se pensê<sup>ve</sup> que eu ~~seja~~<sup>fosse</sup> um dêsses católicos de  
rótulo, temeroso de expressar o pensamento à luz do dia, por  
respeito humano.

Eis a razão por que aqui ~~estou~~<sup>me acho,</sup> obediente à ordem do  
nosso querido Vigário Geral, não para pedir a vossa bené-  
vola atenção, porque conscoante o que diz Vieira, é coisa  
que se não deve pedir a um auditório, mas a vossa paciên-  
cia.

A noite de hoje é destinada à solenidade das vocações  
sacerdotais. Para isso, estais aquí, para isso aquí esta-  
mos todos nós, comungando no mesmo pensamento, de não dei-  
xar que passe, sem memória, esta data tão grande, consagra-  
da a uma das obras mais importantes da religião católica.

Jesus Cristo fundou sua Igreja, não para salvar ape-  
nas os contemporâneos; em vão, teria Êle, filho de Deus,  
padecido tôdas as humilhações e, por último, o martírio  
infamante da cruz, se não pretendesse fundar, com ela, uma  
obra estável, que devia permanecer pelos séculos fora, pa-  
ra salvação da humanidade.

Aliás, tôda a sua doutrina, todos os seus atos, a elei-  
ção dos apóstolos e a sua promessa de assistência perpétua,  
estão a indicar, insofismavelmente, que a Igreja, fundada  
por Êle, sob a chefia de Pedro, era uma obra talhada a durar  
sempre. Assim, enquanto haja na terra um homem que salvar,



isso significa que a Igreja não completou ainda a sua nobre obra e que, portanto, ela estará de pé, sôbre os escombros do mundo, aguardando a salvação dessa última ovelha.

A missão da Igreja, entretanto, que está garantida pelo penhor da própria palavra de Cristo, não será possível sem o apostolado, sem os sacerdotes católicos.

Daí o máximo empenho que devemos ter todos nós, <sup>católicos,</sup> ~~filhos~~ <sup>seus filhos,</sup> da Igreja, para que êsse apostolado se exerça cada vez mais intensamente, ou melhor, que o número dos sacerdotes cresça dia a dia, de maneira que todos os povos possam participar dos benefícios da religião.

O padre não é um homem qualquer. O estado religioso exige uma vocação especial. Aliás, qualquer carreira, que se pretenda abraçar, impõe a cada qual uma consulta prévia às suas preferências ou aptidões.

Desde cedo, na vida de todos nós, se vão esboçando certas tendências e disposições que deixam claramente entrever a natureza das nossas atividades futuras. Há manifestações, todavia, que não devem ser interpretadas logo em sentido definitivo.

É que, via de regra, a criança é dotada de um mimetismo natural, consequência da própria idade, que a leva, sem mais exame, a copiar as atitudes dos mais velhos, ou as práticas preponderantes no meio em que vive.

Ao pai ou mestre toca observar atentamente o desabrochar dessas inclinações, tendo o cuidado de pôr à margem as que são transitórias, para só atentar naquelas que apresentam caráter de constância.

Uma vez feita a descoberta, impende-lhes o dever de orientar a criança, facilitar-lhe os meios de desenvolver as suas aptidões, livre de qualquer preconceito acêrca da dignidade da carreira ou profissão, para a qual ela se mostra inclinada.

Tôdas as carreiras, aliás, são dignas, desde que exerci-

mem, mas este quem as dignifica.

Há um velho hábito entre nós, altamente prejudicial, e que, por isso, deve ser combatido pelos que têm uma parcela de responsabilidade na educação das crianças: - que é o de arrogar-se o pai ou a mãe o direito de escolher a carreira ou profissão do filho.

Os danos que desse péssimo costume decorrem, afetam profundamente a ordem social, e se refletem nos frequentes malogros, a que se vêm expostos, os indivíduos cuja vocação foi contrariada.

Todos os dias os jornais não se cansam de registrar tragédias sangrentas, que uma análise superficial os impele a atribuir a causas do momento, quando na realidade elas são muito mais profundas e antigas, que a aparência ilusória das coisas faz supor.

Não é, em vão, que se contraria a ordem natural das coisas.

Membros de um grande organismo, que é a sociedade, não podemos cruzar os braços, indiferentes ao seu destino, sob pena de ficarmos sózinhos, inertes como esses faquires indianos, numa atitude de hibernação, que corresponde ao próprio aniquilamento. Assim, somos obrigados a desempenhar, no vasto cenário da vida social, um papel ativo, cujo bom êxito depende da carreira ou profissão que abraçarmos.

Plasmando o homem, infundiu-lhe Deus no coração o desejo da felicidade. Ainda nisso se revelou a onisciência divina. Estava garantida a obra da criação. De outro modo, talvez ficasse ela sumamente comprometida, em face dos males que assoberbam a espécie.

A idéia da felicidade, que está inata em todos nós, e a esperança de um dia podermos alcançá-la, é que nos infundem força para lutar.

Não importa que ela, como uma miragem fugidia, se vá afastando indefinidamente, à proporção que avançamos. As cores, com que se nos desenha a distância, são tão lindas que...



obstáculos, teimamos sempre em perseguí-la. Nessa caminhada quasi infinita, não nos entibiam a coragem os cadáveres dos que sucumbiram, antes que lograssem alcançá-la.

Não sabemos o que ela seja, nem onde está. É possível até que não habite este mísero planeta sublunar, tão precários e passageiros são os instantes que desfrutamos de sua companhia. Mas nem por isso desanimamos. Nem por isso se arrefece o nosso entusiasmo, em procurá-la com o máximo ardor. De uma coisa, porém, temos a convicção: é de que se expõe a nunca de frontá-la quem abraçou um teor de vida, em desacôrdo com a sua vocação.

Se, para as atividades profanas, deve haver o maior cuidado no exame da vocação, maior zêlo se exige, no que diz respeito à carreira sacerdotal, porque assim como a religião se sobrepõe a tudo, - política, ciência e arte, etc. - também o sacerdote paira infinitamente acima, pelo seu caráter e dignidade, dos políticos, sábios e artistas.

Pais que me ouvís, impende-vos, como obrigação precípua, ajudar os vossos filhinhos no estudo da sua vocação e, quando concluídes que Jesús os chama para servir à sua Igreja, longe de pôr-lhes obstáculos, facilitai-lhes todos os meios, para que êles, deixando tudo, atendam prontamente ao chamado divino.

Tomai, como uma bênção extraordinária do céu, lançada sobre a vossa família, a vocação de um filho para o estado religioso. Nenhum tesouro maior vos poderia conceder Cristo que êsse de chamar, para o seu apostolado, um representante da vossa estirpe.

Que diríeis se um monarca poderoso da terra baixasse os olhos, do seu alto sólio, até a humildade da vossa geração, e nela escolhesse alguém, um herdeiro direto vosso, para seu ministro ou valido?

Ousaríeis esboçar sequer um gesto de resistência? Haveria coisa que mais alegrasse o vosso coração? Não vos senti



Comparai agora a distância que vai de uma majestade terrena, frágil e passageira, fundada numa autoridade precária, com a majestade de Deus, absoluta e imutável que não depende do tempo, nem das circunstâncias, nem dos homens.

Os cargos e distinções do século, como tudo o que é d'êle, têm o sêlo das coisas instáveis e perecedouras. Mas ninguém poderá sentir-se verdadeiramente feliz numa situação, que sabe, amanhã mudar-se por completo.

Ao passo que isso se verifica, a honraria ou distinção que Jesús Cristo confere ao seu ministro, com ser infinitamente mais elevada, tem ainda o sinete da perpetuidade. O sacramento da ordem, pelo qual Jesús lhe transmite os mais extraordinários poderes, imprime-lhe na alma um caráter tal, que nada conseguirá apagar, nem mesmo o abandono da Igreja, pela apostasia: Tu es sacerdos in æternum ! ...

Não ha símile de comparação entre a maneira de agir de Jesús e a do monarca, quando querem conferir suas dignidades.

Nenhum príncipe elege um ministro pela simples veleidade de agraciar alguém, antes porque vê, nesse alguém, excepcionais predicados de intelligência ou de atividade, capazes de assegurar ao seu govêrno maior prosperidade nos negócios públicos e, por conseguinte, maior renome.

Jesús Cristo não é levado pela consideração dos méritos pessoais, nessa escolha. O seu procedimento, no mar da Galiléia, elegendo, para propagadores de sua santa doutrina, homens sem letras, obscuros e simples pescadores, que tinham de seu apenas o dia e a noite para pescarem, deixa claramente evidenciado que não era do elemento humano, segundo tôdas as aparências negativo, que esperava o triunfo das suas idéias, mas da fôrça de convicção que elas podiam produzir nas almas.

Os homens, que importam os homens ? Não é Êle suficientemente poderoso para os transformar ? Não é imensamente rico para os cumular de todos os dons ? Não é infinitamente sábio para repartir com êles da sua sabedoria ? Que importam os ho-



*Non vos me elegistis, sed ego elegi vos. (João, cap. XV, vers. 16)*  
*Nos fomos os que os escolhestes, fui eu quem vos escolhi.*

Os homens importam, sim, mas importam para que neles se exerça a infinita misericórdia divina; importam para que tantos tesouros de graças não se percam; importam, para que, no exercício de um ministério tão santo, possam êles facilmente santificar-se; importam ainda, para que, pelas obras, se elevem da terra, onde tudo é mesquinho e passageiro, a essa mansão de gozos sempiternos, onde os aguarda uma imortalidade gloriosa.

~~Por isso, pôde Ele, em verdade, dizer aos apóstolos, no último dia: "Non vos me elegistis, sed ego elegi vos..." (João, cap. XV, vers. 16). Não fostes vós quem me escolhestes, fui eu quem vos escolhi.~~

*Eu vos escolhi.*  
*Para que vos escolha?*  
Escolheu, mas para que? Para algum serviço subalterno? Não, para continuador da sua obra, para exercer o mesmo munus apostolar que Ele, Cristo, exercera na terra. Haverá missão mais elevada e nobre do que essa de continuar a santificação das almas?

Pois é essa a dignidade, essa a missão sacrossanta do padre católico: Pregar e ensinar a boa nova às nações: Ite et docete omnes gentes; redimí-las do pecado original pelo batismo: Baptizantes eos in nomine Patris, Filii et Spiritus Sancti; perdoar-lhes ou reter-lhes os pecados pela confissão: quorum remiseris peccata, remittuntur eis et quorum retinueris, retenta sunt; celebrar o santo Sacrifício da Missa e distribuir a sagrada comunhão: Hoc facite in meam commemorationem.

Mas não é tudo. O amor de Cristo para com os seus ministros vai ainda mais longe. Não sofre o menor ato de hostilidade contra êles, venha de onde vier: Qui vos audit me audit, et qui vos spernit me spernit.

Que não dariam os anjos, para que lhes fosse conferida tamanha graça?

O sacerdote é o sal da terra e a luz do mundo: Vos estis sal terræ et lux mundi. (Mat., cap. V, vers. 13).

Como o sal tempera e salga, êle deve ser a justa medida



almas pelo caminho reto da virtude, afastando-as dos prazeres ilícitos, do amor demasiado das honras e das riquezas, numa palavra, aguçando-lhes o paladar somente para o que é bom, justo e santo.

Como a luz afugenta as trevas, assim deve o sacerdote iluminar as inteligências, para que elas conheçam o erro, procurem e amem a verdade. Luz, sim, mas luz constantemente ardendo, facho incandescente onde quer que se encontre, na igreja, na sacristia, no confissionário, no púlpito, no altar, na rua, na praça pública, nas reuniões profanas, na via férrea, em toda parte enfim - luz.

"Sic luceat, diz o apóstolo, lux vestra coram hominibus, ut videant <sup>o</sup>ra vestra bona et glorificent Patrem vestrum qui in caelis est". (Mat., cap.V, vers.16). Assim refulja a vossa luz à vista dos homens, para que eles vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus.

Não é preciso mais, senhores, para que se compreenda o elevado alcance e a grande importância de uma Associação como a Obra das Vocações Sacerdotais, que tem a seu cargo incentivar as vocações, auxiliar os meninos pobres que se sintam chamados para o serviço de Deus, propiciando-lhes todos os recursos, afim de que possam realizar a sua sublime aspiração.

Não fôra essa Associação, e muitas vocações se perderiam, à míngua do necessário estímulo, ou por ausência de amparo. Quem sabe ? É talvez a ela que devemos o benefício da audição da missa aos domingos, em nosso bairro; da frequência diária aos sacramentos; da celebração, em todos os dias festivos, dos atos litúrgicos, que tanto bem fazem à alma cristã; isto sem o sacrifício das grandes caminhadas, a coberto das intempéries, do tempo, confortavelmente, para usar de uma palavra pouco cristã.

Que temos nós feito, de nossa parte, em favor da Associação ? Imponhamos a nós mesmos este exame de consciência. Tere-  
mos agido, como nos competia agir ?

Se não fizemos ainda, em seu benefício, tudo que devíamos.

→ (1) Inventemos as vocações, e já nos nos  
faltarão os obreiros <sup>da vida</sup> do Senhor. Ponhamos  
à tona de cada igreja um sacerdote ca-  
tólico, e não terá sentido <sup>interior</sup> o "apelo  
desesperado" <sup>nem o quadro de dor da sociedade, entremisto pelo</sup> do Grande Tribuna que foi  
Rui Barbosa:

" Misericórdia, Senhor, que nos abandone  
neste! Nada nos fique da tua lei, nem  
da tua imagem. Perdemos todos os sen-  
timentos humanos, desde o patriotismo até  
a piedade, desde o respeito do próximo  
ao de nós mesmos, desde a consciência até  
a vergonha. Todas as moções da ordem, da  
solidariedade, do cristianismo se apagam!"



neste mesmo momento, algum pobrezinho está confiado na minha decisão, para penetrar os umbrais do seminário ?

Embora a messe seja muita - messis multa - façamos que não lhe faltem os braços operários encarregados de semear o pão espiritual, mais necessário agora do que nunca, em face da onda de ateísmo e indiferença que ameaça subverter as bases da sociedade contemporânea.

<sup>(1)</sup>  
E se a consciência de católico me impõe o dever de auxiliar a obra, confiada, em Niterói, à direção sábia dêsse que é o dinamismo em ação, sempre que se trata da salvação das almas e da maior glória de Deus, - Mons. Barros Uchoa -, a minha condição de brasileiro não me permite cruzar os braços, indiferente ao destino da Igreja, em minha terra.

E não me permite, por que?

Porque o Brasil nasceu predestinado para o catolicismo desde que Deus engastou, no seu firmamento, <sup>entre umidade de astros,</sup> essa constelação magnífica do Cruzeiro do Sul; porque, ao despertar, ainda estremunhado, para a vida internacional, a primeira imagem que teve diante dos olhos, desenhada nas velas pandas das naus cabralinas, foi a cruz de Jesús Cristo; porque, ao ensaiar os primeiros passos, na senda da civilização, fê-lo sob <sup>as lições</sup> os ensinamentos da cruz, ditados pelos missionários jesuítas; porque, em tôdas as convulsões políticas e sociais internas, se tem mantido fiel à cruz; e, porque, já agora, que a cruz penetrou até o âmago de seu organismo: em suas leis, abrandando-as; em seus costumes, moralizando-os; em suas instituições, cristianizando-as; - impossível lhe é afastar-se dela.

E isso para bem de todos nós, brasileiros, e isso para bem da nossa querida <sup>Pátria</sup> Brasil, porque sabemos, tão bem quanto <sup>ela</sup> o sabe, que na cruz de Jesús Cristo está o seu poder; nela, a sua grandeza; nela, a sua glória.